

*O Mestre
incansável na
defesa e promoção
do Exercício do
Sacerdócio de
Cristo*



Por Moacir Beggo

Só de livros publicados, organizados ou editados sobre Liturgia no Brasil, Frei Alberto Beckhäuser tem mais de 30. O último, no ano passado, recebeu o título de “Celebrar Bem”. Como a maioria deles, o Mestre em Sagrada Liturgia vem em socorro do culto divino, que tenta resistir aos ataques incessantes de uma sociedade cada dia mais consumista, globalizada e mundana. Sua luta é incansável para que o rito não saia do caminho indicado pela *Sacrosanctum Concilium*, que define Liturgia como o exercício do sacerdócio de Cristo. Por E-mail, no mês de janeiro, Frei Alberto aceitou o meu pedido de entrevista. Estava de “férias” até o dia 25 de janeiro. “Minhas férias neste janeiro são no meu escritório, elaborando e atualizando o Devocionário da Família



Franciscana. Dia 26 de janeiro recomeço minhas atividades. Primeiro participarei da Assembléia Anual da ASLI (Associação dos Liturgistas do Brasil) em Cachoeira do Campo (MG). Seguir-se-á um curso de Liturgia em Divinópolis (MG). Em seguida, tirarei duas semanas de folga, para, em seguida, voltar às aulas, no fim de fevereiro no Seminário de Caratinga (MG) e, voltando a Petrópolis, já estaremos no início das aulas. No primeiro semestre de 2009 darei aulas no Seminário Diocesano de Petrópolis, o que já venho fazendo há quase dez anos”, explicou.

Frei Alberto me recebeu no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, onde é professor de Teologia da Liturgia, e reservou uma manhã inteira para falar sobre um dos assuntos que o torna um dos maiores especialistas e conhecedores do mundo. Ele não é só um professor, que didaticamente expõe a matéria, mas é um grande animador litúrgico no Brasil. Fala com paixão e sabedoria da dimensão simbólica da linguagem litúrgica, mas não deixa de ser um ferrenho crítico das distorções e “exteriorismos” muitas vezes sentimentais das celebrações. “Precisamos recuperar a dimensão simbólica da vida, o que não é fácil com a agitação e a atitude funcional de produção”, diz. Ex-Coordenador de traduções de textos litúrgicos da CNBB, Frei Alberto concorda com a escritora Adélia Prado e aponta os pecados nossos de cada dia. E provoca: Você já comungou pela telinha?

ACOMPANHE A ENTREVISTA!

Site Franciscanos – Como o Sr. define a liturgia?

Frei Alberto Beckhäuser - Existem várias maneiras de compreender o que é liturgia. Em primeiro lugar, conforme já disse Pio XII, a liturgia não consiste simplesmente em ritos. É muito mais. E também não são normas e rubricas que orientam e dirigem o culto cristão. A liturgia deve ser definida a partir de Cristo, a partir da Economia da Salvação. Então, poderia dizer de duas maneiras o que é a liturgia: uma é a obra de Deus a serviço dos homens, obra da Santíssima Trindade, obra de salvação de Jesus Cristo e que é atualizada e aplicada através da Igreja e da celebração da memória desta obra. Portanto, é rito, sim! E sem rito não há liturgia. Mas é um rito memorial celebrativo da ação salvadora de Cristo no mundo, que Cristo confiou aos apóstolos e a toda a Igreja, dizendo: "Fazei isto em memória de mim". Outra maneira, conforme o Vaticano II, de definir o que é a liturgia é, como se diz na *Sacrosanctum Concilium*, a Constituição sobre a Reforma e a Renovação da Liturgia, no n. 7: "a liturgia é o exercício do sacerdócio de Cristo". Portanto, Jesus exerceu o sacerdócio como mediador e salvador. E esse exercício continua presente hoje na ação memorial desta ação sacerdotal de Jesus. Isso é a liturgia, que não gosto de definir simplesmente de liturgia, mas chamar de Sagrada Liturgia, porque liturgia é qualquer rito. Por exemplo: a assinatura de um contrato pelo presidente da República. É uma ação ordenada, prevista, e que deve ser cumprida. Mas se considerarmos a liturgia simplesmente neste seu aspecto externo, que chamo de expressão litúrgica, então cairíamos no legalismo, no ritualismo. Isso não é liturgia.

Site Franciscanos - A catequese é importante para conscientizar as pessoas nesse caso?

Frei Alberto - Uma catequese histórico-salvífica, que seja da história da salvação, para compreender o que se celebra. Aí entra uma questão importante: a liturgia, conforme diz o *Catecismo da Igreja Católica*, é colocada na dimensão do conceito de celebração. Aqui entra a questão: o que se celebra? Como se celebra e o que acontece na celebração? Então, para qualquer celebração deve haver um fato valorizado e este fato valorizado, na liturgia, é Jesus Cristo e sua ação de glorificação de Deus, o Pai, e da salvação, da mediação. Como tornar presente este fato? Celebrar significa justamente isso: celebrar é tornar célebre, é tornar presente, e para tornar presente tem que contar, tem que lembrar. Então, celebrar é lembrar um fato valorizado, importante, que no caso é Jesus Cristo. E o que acontece é que esse fato valorizado, essa ação salvífica e de glorificação, torna-se presente. Isso nós chamamos de terceiro elemento da celebração: o mistério. Então, o fato valorizado é a Páscoa, Cristo, e sua ação. E a expressão deste fato é o rito, são os símbolos e aquilo que se vivencia, que é a inter-comunhão solidária divino-humana por Cristo. E este é justamente o mistério que chamamos a vivência do mistério. E claro, por exemplo, se não houver conhecimento deste fato, como é que se pode celebrar? O que se celebra? Então, reúnem-se as pessoas para fazer barulho. Essa questão é muito séria, a questão da iniciação, da compreensão da fé: quem é Jesus Cristo na vida do mundo e de cada pessoa? Não adianta você decretar e exigir que o jovem vá à missa se ele não sabe quem é Jesus Cristo. É só conhecendo, amando e seguindo Jesus Cristo que se pode realmente celebrar e vibrar com esta realidade divino-humana que se realiza na liturgia.

Site Franciscanos - Depois de uma prática de mais de 40 anos de renovação litúrgica pós-conciliar, que avaliação o Sr. faz de nossas celebrações?

Frei Alberto - Isso está muito bem expresso naquele documento da CNBB, o 43, sobre a Animação da vida litúrgica no Brasil. Naquele tempo, era assessor da CNBB e colaborei com a elaboração do texto básico. E ali nós constatamos que, após o Concílio, houve realmente um grande entusiasmo por parte do clero, do povo. Houve uma acolhida positiva e alegre de toda a proposta de reforma e renovação. Mas muito mais da reforma, da questão de mudança de rito. E não se chegou suficientemente à compreensão da renovação litúrgica, que é algo muito mais profundo, pois é da vivência da fé e dos mistérios. Ou seja, foi um pouco a questão da novidade. Mas, a CNBB, sobretudo D. Clemente Isnard - que trabalhou de maneira muito intensa na aplicação da constituição litúrgica no Brasil, a *Sacrosanctum Concilium* -, promoveu cursos, encontros, até escolas, assim por diante, nesse primeiro momento de entusiasmo. Mas, aos poucos, a coisa foi esfriando e a Igreja na América Latina se preocupou mais com a libertação do homem, o aspecto social, em detrimento do sagrado, do culto. Esse aspecto celebrativo ficou um pouco de lado, assim como o aprofundamento do que seja realmente a liturgia. E, com isso, a própria liturgia foi sendo, por vezes, instrumentalizada para fins quase que ideológicos. Então, celebrar a vida tinha só o aspecto horizontal. Claro, que nem todos seguiram este caminho, mas houve uma tendência neste sentido. Além disso, tudo o que vinha de Roma era um pouco rejeitado,



Não adianta você decretar e exigir que o jovem vá à missa se ele não sabe quem é Jesus Cristo. É só conhecendo, amando e seguindo Jesus Cristo que se pode realmente celebrar e vibrar com esta realidade divino-humana que se realiza na liturgia.

como algo oficial, de cima para baixo etc. E faltou também um aprofundamento teológico da liturgia. Houve até uma tese, que chamaria de heresia dos anos 80, onde o que importava era celebrar a vida. Mas qual é essa vida? Eu diria, sim, celebrar a vida, na vida que é Cristo. Então, toda a ação do homem, mesmo a promoção humana, social, de direitos humanos, entra na celebração, mas na linguagem celebrativa, e não na ideológica. Não se pode instrumentalizar a própria homilia para uma finalidade que não é aquela fundamental da liturgia: o culto divino, a ação de graças e a salvação. Infelizmente, houve um outro problema que foi a falta de professores, mestres, preparados para a formação litúrgica do clero. Nós vemos que nos Seminários, pelo Brasil afora, há pouquíssimos professores preparados para a liturgia. E há uma tremenda improvisação. Então, o jovem clero, - às vezes digo um pouco fortemente, que não sabe mais fazer uso dos

livros litúrgicos – se torna mero executor de folhetos. E até mal executados. Não conhece as introduções, que são muito importantes, dos livros litúrgicos, não só da missa, mas também dos sacramentos. Não se interessam mais em se dedicar realmente ao aprofundamento e ao estudo da liturgia. Com isso, começaram a celebrar a seu modo. Houve um tempo de passagem, promovido pela própria Santa Sé, que era o tempo da experiência, da experimentação. Isso foi no período de 65 a 70. O tempo de experimentação deveria ser acompanhado pela CNBB para buscar elementos visando à reforma geral, promovida pela Santa Sé. Acontece que os padres começaram a celebrar cada um fazendo a sua experiência, conforme “batia na cabeça”. E essa criatividade que deveria ser acompanhada como experiência, transformou-se em *novidadismo ou criativismo*. E depois, quando vieram os rituais, a Missa reformada a partir de 1970 e nos anos seguintes, a maioria do clero simplesmente não tomou conhecimento. Continuou “chutando” até hoje. Esse é o grande problema da renovação litúrgica. Porque não se trata de mudar rito por rito, mas de penetrar na profundidade teológica, espiritual, por exemplo, do Ano Litúrgico, dos sacramentos, assim por diante.

Site Franciscanos - E hoje?

Frei Alberto - A partir dos 40 anos da *Sacrosanctum Concilium*, houve um renascimento de interesse, diria mais, a partir daquele documento da Animação da Vida Litúrgica, em 87, houve um novo despertar pela liturgia, que foi assumida por bispos, quando se realizaram muitos encontros de padres, cursos de atualização, de renovação e, portanto, hoje, a partir dos anos 90, superada essa fase, diria

assim, exasperada do social - quando não se via a globalidade, mas quase que um aspecto, quase que um reducionismo da vida e da fé ao social [*Bem entendido, não sou contra a Teologia da Libertação porque ela despertou muitos aspectos que estavam um pouco escondidos na história e adormecidos. E foi muito bom levantar essa dimensão do pobre, do necessitado, assim por diante*] -, então houve um voltar-se mais para o mistério, para o espiritual. Claro, também, assumindo a realidade do povo de Deus, como costume dizer, a liturgia deve recolher e expressar todas as dimensões da vida da Igreja e da fé. Aquilo que a CNBB trabalha com as seis dimensões: a comunitária e participativa, a missionária, a catequética, a celebrativa cultural litúrgica, propriamente dita, a ecumênica e de algo inter-religioso e a dimensão sócio-transformadora. Tudo isso faz parte da Páscoa. Como diz D. Clemente, - e Medellín também -, que todas essas são experiências pascais e por isso podem ser recapituladas na Páscoa de Cristo, mas sempre numa dimensão orante e celebrativa. Não, numa dimensão de mentalização ideológica. Então, acho que hoje há um campo positivo na religião para a liturgia. Claro, que alguns são irrecuperáveis. Entraram no campo ideológico do show, da improvisação, não dá mais, não.

Site Franciscanos - A liturgia tem seu ritmo ritual, dialogal. Há, contudo, muitos presidentes de celebrações que interrompem constantemente esse ritual. Como deixar que a liturgia de uma celebração “fale por si só” e não interrompa o diálogo entre a comunidade e Deus?

Frei Alberto - Saiu um artigo muito interessante e excelente: “Deixe a liturgia falar”, de Ione Buyst. Aí, entra um grande problema, que chamaria

de a questão da participação ativa, ou seja, a compreensão do que seja a participação ativa. O Concílio Vaticano II, sobretudo no n. 14 da *Sacrosanctum Concilium*, fala da participação frutuosa, eficaz e, como condição para ser frutuosa, eficaz, ou seja, para realizar essa comunhão divino-humana do mistério. É eficaz o que leva à conversão, à comunhão de vida com o Pai, por Cristo no Espírito Santo. É eficaz e frutuoso, o que leva ao testemunho, à mudança de vida. Para que possa ser eficaz, o Concílio pede que a participação seja consciente, ativa e plena. O consciente é saber o que celebra. Isso depende

na compreensão do símbolo: a linguagem litúrgica simbólica atinge o ser humano na sua totalidade, em todas as suas faculdades, portanto, inteligência, vontade, afeto, emoção, etc, os sentimentos, e em todos os seus sentidos: o visual, o acústico, o olfato, o paladar, a ação, e sobretudo o tato; é a linguagem do corpo na sua totalidade. E quando se restringiu a participação ativa praticamente ao falar, a cantar e ao rezar etc, aí entrou todo esse negócio que nós conhecemos. Por exemplo, não entra a linguagem do silêncio, não entra a linguagem do tato, da ação, do movimento, não entra a linguagem da



da catequese, da formação, da fé, assim por diante. Supõe-se uma iniciação. Ativa, mas houve um grande equívoco e que fez um grande mal a toda vida litúrgica no Brasil, quando se identificou o ativo ao oral, à fala, portanto, à escuta e à palavra. E se restringiu o ativo a escutar a música, o cantar e o falar. O grande problema se encontra

Infelizmente, o jovem clero, - às vezes digo um pouco fortemente, que não sabe mais fazer uso dos livros litúrgicos - se torna mero executor de folhetos. E até mal executados.



também é importante. Por isso, o rito da palavra. Não é qualquer coisa, não! Não é uma aula, não! Não é simplesmente escutar uma história, mas é uma celebração memorial dos mistérios celebrados através da leitura da Palavra de Deus. Isso modifica completamente. Então, nós evitamos este exteriorismo muitas vezes sentimental das celebrações. E a vivência é a participação mais importante: é interior, do coração. Não é só exterior. Claro, que ela se exterioriza, mas de corpo inteiro. É uma linguagem totalizante do ser humano.

Site Franciscanos - Ela é ativa e plena.

De todo o ser?

visão, de acompanhar e viver um rito. Então, esse foi o grande equívoco. Restringir a linguagem, mas no fundo por quê? Porque se perdeu a dimensão simbólica da linguagem litúrgica. O símbolo não é, em primeiro lugar, a palavra, mas é gesto, é ação, é movimento, é olhar, é silenciar, é degustar, é comer. Um comer simbólico, quer dizer, significativo. Ali vem outro problema: hoje se perdeu a dimensão do símbolo, da linguagem simbólica. E o rito é composto de um símbolo ou de um conjunto de símbolos, que formam um rito. Por exemplo, a procissão de entrada. São vários símbolos, mas o principal deles é o andar. E ele não é cantado, não é escutado. Ele é visto e vivenciado. A procissão das oferendas, por exemplo. A *Instrução Geral* prevê que não haja canto. É facultativo. A preferência é viver o rito de levar a oferenda do pão, do vinho e da água. Ver, acompanhar, vivenciar, fazer sua esta procissão, esta oferta, esta apresentação. E quando se perde esta dimensão, então o que vale é o barulho, é sentimento, é palavra, é som. Claro que a palavra

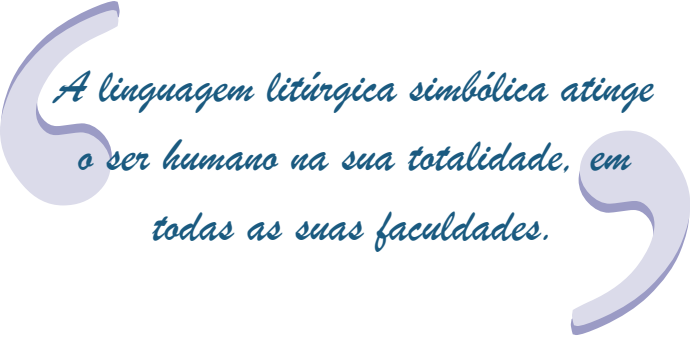
Frei Alberto – De todo o ser e de todo o rito. Não apenas de um pedaço. Por exemplo: a pessoa assiste à Missa e depois vai comungar e se ajoelha lá. Quer dizer, ela não é plena da celebração. Torna-se plena também no sentido de todo o ser humano estar mergulhado no mistério. Por isso, no sentido da linguagem, da comunicação. Você começa a liturgia da palavra. Liturgia da palavra, portanto, a palavra como serviço de salvação. Aí vem alguém, se levanta e vai para cá e para lá. Eu costumo dizer: “Já estávamos mergulhados no mistério, no silêncio da escuta para acolher a Palavra e chega alguém e nos *des-mergulha* do mistério. Aí deixa de ser participação frutuosa. Acaba não sendo ativa. Porque o ativo é muitas vezes o passivo. Passivamente ativo. De ser tocado, de ser atingido, de acolher. Isso é participação ativa. Portanto, nesse sentido é que o Cardeal Daneels, de Bruxelas, disse: “A liturgia não nos pertence. Ela está infinitamente acima de nós. É um dom divino. Por isso não nos cabe nos apropriarmos

dela, mas deixar-nos possuir por ela. Não nos cabe conduzi-la, mas deixar-nos conduzir por ela". Pois, liturgia, volto a dizer: Não é só a sua expressão ritual. Existe ali, a Páscoa, o fato celebrado e existe o mistério vivido". Infelizmente, quando falamos liturgia, a tendência normal do povo, das pessoas, é restringi-la ao rito. O rito uma linguagem, a linguagem do mistério, em forma ritual simbólica. Por isso, devemos deixar o rito ser rito. Deixarmo-nos envolver por ele. Em outras palavras, dar sentido ao símbolo, ao rito. Existe um livro de José Maria Mardonis que fala sobre isso: o sentido do símbolo. Dar vida ao símbolo, dar vida ao rito. Isto é uma arte. Assim, primeiramente é o presidente que vai praticar essa arte e assim transmitir também ao povo, à assembléia essa maneira de vivenciar o rito. Quer dizer, através do rito rezar o mistério. É teologia e espiritualidade. O mistério de Cristo, a salvação, a história da salvação, quem é Cristo. Portanto, o centro do diálogo não é o padre. O diálogo deve acontecer entre o padre e Deus, entre a assembléia toda e Deus, através do sacerdote. Isso que é importante. O centro do espaço é o altar, é Cristo. E não o celebrante. Porque, no fundo, todos são celebrantes com o sacerdote-celebrante, que preside a celebração. Ele celebra **com** e não **para o povo**.

Site Franciscanos - Que valor sacramental tem comunicação litúrgica eletrônica, por exemplo, a transmissão de uma Santa Missa por rádio e televisão?

Frei Alberto - No livro "Comunicação Litúrgica" trato deste assunto. Tive a oportunidade de fazer uma pesquisa para uma conferência num simpósio nacional sobre questão de celebração de liturgia de rádio e televisão. Houve uma época, entre 70 e 80, onde se falava muito da distinção

entre missa no rádio e na televisão e missa de rádio e televisão. Missa na televisão é passar uma missa. No rádio é irradiar uma missa. Agora, missa de rádio e de televisão, eles compreendiam mais o aspecto da própria linguagem, a de comunicação, que tem de estar em primeiro lugar. Então, a missa tem de se adaptar em pequeno estúdio etc, já que a linguagem televisiva tem o seu código próprio. E aí fui convidado e não estava assim muito favorável a esta posição de adaptar a celebração à televisão. Fiz uma pesquisa e cheguei à conclusão de que pode haver um certo nível de sacramentalidade em transmissões de liturgia pela TV, mas não se pode dizer que é dimensão sacramental, pois ela exige presença. Do sentir, do cheirar, do degustar, da ação, do ver, do contemplar. Ora, a linguagem televisiva é perversa. E, curiosamente, isso foi dito por um especialista neste simpósio. Eu tinha



A linguagem litúrgica simbólica atinge o ser humano na sua totalidade, em todas as suas faculdades.

defendido uma certa sacramentalidade, um certo valor, sobretudo, não tanto do sacramento da missa, mas, por exemplo, a oração na televisão, como a Liturgia das Horas, assim por diante. Mas não propriamente o sacramento, a Missa. Então, pergunto: Você já comungou pela telinha? Ora, a Missa é Ação de Graças e Ceia do Senhor. Para participar da Ceia do Senhor é preciso estar presente, é preciso comer, comungar etc. Senão não é Memorial pleno do Mistério pascal em forma de banquete. Portanto, missa por televisão não é missa. É um documentário de missa. Que

valor tem? Tem seu valor de devoção, escuta-se a Palavra, reza-se junto, mas não é a Ceia do Senhor, não é a Missa. Isso hoje está claro e o povo se deixa levar. Aí entra a problemática da imagem. A pós-modernidade é toda ligada à imagem. Ela vem pronta e não nos deixa pensar. Pela imagem não há diálogo. Não existe ida e volta. Ela apenas tem ida, ou seja, informação. E o pior é que é uma informação tirânica, que atinge apenas o sentimento e não deixa refletir. Esse livro fala muito claro que nós estamos na era da tirania da imagem, do pós-moderno. Por exemplo, nos noticiários. "Coisa impressionante, coisa triste, coisa trágica, coisa, né, etc." Tudo tem o mesmo nível e o mesmo valor. Não há mais distinção de importância. Não se deixa tempo para pensar e por isso a tirania, a perversidade da televisão, sobretudo, da publicidade, assim por diante. E ela só atinge o desejo de consumo. Você viu, por exemplo, o chamado Reveillon? Impressionante: imagem, imagem, imagem. O povo sai de lá e o que teve? Nada. Nada de participação frutuosa. Esse é um dos grandes problemas.

Site Franciscanos - Então, não tem nenhum valor?

Frei Alberto - Tem. Eu tive várias experiências tristes a respeito disso. Uma em Aparecida. Eu até escrevi sobre isso. Numa celebração televisada tem-se de estar dentro da hora, escravizados ao *chronos*, ao tempo, e não ao *kairós*, ao tempo vivido. E que aconteceu? Uma Missa concelebrada. Todo mundo meio apressado etc., homilia assim encurtadinha, etc, fora de proporção porque tinha de ser dentro da hora. Deu-se a comunhão, e o padre

tinha que continuar porque o tempo estava chegando. E aquela Basílica cheia, os ministros extraordinários ainda continuavam dando a comunhão e foram dando a comunhão e o padre não esperou: "Oremos"! Aliás, não era padre, era bispo. Depois, aquela procissão da Santa, que acho muito esquisita, porque Maria deveria estar no pedestal dela e não ficar sendo carregada de lá para cá. Isso acho um absurdo! E dar a bênção com a imagem?. Quem dá a bênção é Deus. Então, são coisas distorcidas que trabalho aqui no livro "*Celebrar Bem*". É o rito distorcido. A procissão saiu e os ministros continuaram distribuindo a comunhão. Onde fica a Missa como Ceia do Senhor? Da ceia não se participa até o fim? São as distorções e, então, caímos nisto: Não mais os meios de comunicação a serviço

Para participar da Ceia do Senhor é preciso estar presente, é preciso comer, comungar etc.

Portanto, missa por televisão não é missa.

Pergunto: Você já comungou pela telinha?

do mistério e da vivência do mistério da liturgia, mas a liturgia instrumentalizada em vista da transmissão. Um show. Eu, pessoalmente, acho que a questão continua em discussão. É polêmica. Teologicamente é problemática. Por isso, vamos em frente. Mas, o povo não pode cair nessa de achar que é a mesma coisa a missa por televisão. Por isso, pergunto: você já comungou pela telinha?

Site Franciscanos – E a bênção de um copo d'água pelo rádio?

Frei Alberto - Isso seria outro aspecto, o da devoção. Mas corremos o risco de cair na magia. Uma bênção fetichista. Nós sabemos quem é especialista nisso...

Site Franciscanos - Pode-se dizer que hoje há uma volta ao religioso místico e intimista?

Frei Alberto - É uma expressão da pós-modernidade que, segundo alguns autores, prefiro chamar de modernidade tardia. É justamente a tendência ao individual, ao imediato, ao subjetivo, e por isso ao relativo. Bento XVI, ainda como cardeal e agora também como Papa, insiste muito nisto: hoje nós vivemos a heresia do relativismo. Então, cada um escolhe o que quer, conforme o seu sentimento, o seu momento. Hoje, não se tem mais a dimensão da memória do passado e a dimensão do futuro. Essa questão surge a partir disso. E, no entanto, existe dentro do ser humano o desejo de felicidade, o do bem-estar. O homem pós-moderno se agarra naquilo que acha que, no momento, vai lhe trazer prazer e felicidade. Porque o único valor que, digamos assim, subsiste na modernidade tardia é o gozo, o prazer momentâneo. Não se trata de má vontade. O que importa é o prazer momentâneo.

Site Franciscanos – Vive-se na superfície. Não se aprofunda nada?

Frei Alberto – Vive-se na superficialidade. Se,



por acaso, um casal faz um filho, entrega-o à avó e que se vire! Quer dizer, vai atrapalhar o prazer sexual. É assim também em matéria de religião, em matéria de esporte. Por isso, hoje, temos muitos novos templos e novos ídolos. Entre eles, por exemplo, o futebol, o reveillon, as numerosas janelas das imagens, as academias, a moda. São os novos deuses que vêm satisfazer os desejos. O tempo é voraz e deve ser exorcizado. Por isso, o reveillon, exorcismo do tempo. Fazer as pazes com o *deus-Cronos*, com o *deus-Saturno*, com o *deus-tempo*. Isto leva a esse intimismo. Cada um cria o seu deus, cria sua religião, cria a sua piedade. E pronto! Já não existe mais alguém como referencial da vida. Por exemplo: Jesus Cristo. Valores absolutos, como o **Cristo ontem, hoje e para sempre**. Esse não é mais valor. Talvez o super-homem, um guru, venham satisfazer. Essa é a tendência. E aí, ser cristão é lutar contra esta onda. E não é brincadeira, não! Temos que nos encontrar na dimensão do testemunho e não nos deixar carregar por esta onda do hedonismo, da saturação, da satisfação, do prazer. Um dos grandes templos são os shoppings, as catedrais



do consumismo.

Site Franciscanos - A linguagem simbólico-sacramental da liturgia requer sintonia e equilíbrio nas intervenções de quem exerce a função ritual. Hoje, não há muitos exageros na Igreja?

Frei Alberto - Ultimamente tenho refletido bastante sobre esta questão, mas tiraria aqui as palavras sintonia e equilíbrio. Essa é toda a problemática da compreensão do que seja o rito e o símbolo. Falando em símbolos, dizia que o símbolo, um só, por exemplo, o sinal da cruz, constitui um rito. Mas um rito pode ser composto de vários símbolos. Por exemplo, o rito de entrada na missa. É composto de vários elementos que formam agora um rito no sentido mais amplo. Não é só aquele gesto, aquela ação simbólica que

houve ali. O rito de entrada compõe-se de vários elementos simbólicos. Depois, nós podemos falar do rito como partes de uma celebração: rito de entrada, rito da palavra, rito das oferendas, rito da liturgia chamada eucarística, rito da comunhão, rito da despedida e rito do envio. Por um lado, cada rito desses constitui um todo. Numa celebração deve haver a sintonia e a ligação de tal maneira que, toda celebração se torne um só rito. E aí já temos um sentido de rito como sinônimo de celebração. Podemos falar rito do matrimônio, rito do batismo, rito da missa, rito da crisma e assim por diante. A harmonia deve estar no todo, até o silêncio faz parte. E o rito tem um ritmo. A palavra rito e ritmo têm a mesma raiz. Descobri há pouco, achei uma coisa fantástica. Rito e rio têm a mesma raiz sânscrita. Então, veja bem, o rio é um rito. Ele tem uma cavidade, tem uma ordem, tem água que flui de maneira ordenada. Rito é uma ação ordenada, que flui. Meditando um pouco sobre isso, achei interessante que, se você mergulha no rito religioso, você está como no rio, que cai no oceano. É a mesma água. É a continuação do caudal. Então, se você cai no rito

Está na hora de os bispos tomarem posição diante da maneira de como se está celebrando o matrimônio. Porque o que está acontecendo escapou totalmente da dimensão religiosa da Igreja.

hoje, você cai no oceano do mistério de Deus. Em cada momento do rito, você está mergulhado no mistério. Ele é orante. Ele é vivência. E isso é

O padre sai lá do altar de uma igreja enorme, saltitante, saúda este, saúda aquele, vai até a porta e volta correndo. Eu vi com meus olhos ele correndo... Cordeiro de Deus!... Olhe, só falta o cachorro passar lá na frente. O Cristo da refeição está abandonado: isso precisa ser revisto.

participação ativa. É mergulhar no rito. No seu significado, na sua relação comunicante com Deus. Realiza-se assim uma comunhão de vida humano-divina. Essa é a comunicação, que não é uma mera informação. Completando essa questão da harmonia, o rito é formado de vários ritos subalternos que compõem o todo. Mas cada parte do rito deve estar intimamente ligado ao outro. Um chama e lança dentro do outro. Não pode haver, digamos assim, interrupções. Não pode haver pausa morta. Pode haver pausa, como na música, por exemplo. O silêncio é uma pausa, como na música. Mas ela também é eloquente. Ela também está na dinâmica do ritmo. Certo? Então, o rito de entrada prepara e lança no rito da palavra. O rito da palavra, como o da entrada, prepara e lança na liturgia eucarística e, da liturgia eucarística brota brota o rito de encerramento e do envio. Portanto, cada parte brota da anterior e lança na posterior. Conclui-se que não pode haver cortes e interrupções. Na linguagem da comunicação chamaríamos a isso de ruídos. Devemos evitar todo ruído. Trata-se de não inventar, não surpreender. Como numa festa: você não pode colocar as pessoas diante de permanentes surpresas. Por isso, a novidade deve ser preparada para poder ser vivida, porque o rito deve ser familiar e conhecido. Esse é o grande problema. Muitos acham que isso é ritualismo. Não! É essencial na celebração o rito. Mas, dando

vida aos símbolos.

Site Franciscanos – E como encarar, por exemplo, a dança na liturgia?

Frei Alberto - Ela pode existir, mas deve ser um ritmo religioso, uma expressão religiosa. Nós, ocidentais, não temos a prática, a tradição da dança religiosa. A África tem. Então, a dança religiosa é expressiva do sagrado. A nossa dança é profana. E diria até mundana. Certo? Mas nós temos algumas coisas, alguns resquícios da dança religiosa, como nos benditos, nas festas dos reisados, na Festa do Divino, nas congadas. Veja que quando eles cantam o bendito, dão passos. Aquilo é dança. São os resquícios de dança religiosa. E ela foi permitida e liberada pela CNBB no Documento da *Animação da Vida Litúrgica*. Mas para que haja um critério, fizeram depender sua prática da aprovação do Bispo local, porque senão muitas vezes vira surpresa, escândalo. Em vez de oração, vira coreografia espetáculo. A maioria das coreografias é profana. Já vi coreografias muito bem feitas no canto do Santo e do Glória. O grande problema é que o povo não está acostumado com esta expressão, que deve ser muito bem preparada. O povo também deve ser preparado para esta linguagem. E essa ação jamais deve ser aplaudida, porque não está sendo feito espetáculo. Mas é uma expressão típica orante, que expressa a oração de

toda a comunidade. Se ela, a dança, conseguir o passo religioso, expressar essa comunhão orante da assembléia, ela é possível. Mas como é feita, vira um showzinho à parte, muitas vezes, de mau gosto. Portanto, a dança litúrgica, a dança religiosa litúrgica, celebra o mistério, o momento do louvor e assim por diante. E só é permitida com a aprovação do Bispo diocesano. Essa é a recomendação da CNBB.

Site Franciscanos - *Mas alguns bispos preferem não se indisporem com pessoas da equipe litúrgica....*

Frei Alberto - É o caso típico do matrimônio. No livro *Celebrar Bem* dou umas fsgadas. Está na hora de os bispos tomarem posição diante da maneira de como se está celebrando o matrimônio. Porque o que está acontecendo escapou totalmente da dimensão religiosa da Igreja.

Site Franciscanos - *O que fazer para não se esvaziar de significado os símbolos, os ritos? O que fazer para evitar que o rito não se torne um ritualismo, ou seja, rito pelo rito, esquecendo daquilo para o qual é feito e, sobretudo, da assembléia com quem e para quem é feito.*

Frei Alberto - Aí novamente coloco a questão da iniciação à linguagem dos símbolos, porque hoje somos muitos racionais, experimentais. É essa dimensão simbólica que dá sentido à vida. As coisas importantes são simbólicas. Precisamos recuperar a dimensão simbólica da vida, o que não é fácil com a agitação e a atitude funcional de produção. Como nós podemos compreender a Missa se não temos mais o sentido da refeição em família? É quase impossível, porque a refeição não significa mais nada. O símbolo dá significado à vida. As coisas mais importantes da vida são

as coisas inúteis. E que são simbólicas: a festa, a celebração, o encontro, comer e beber juntos, o esporte, o brinquedo, o amor. E como fazer com que os diversos grupos, as diversas expressões da vida do mundo, do universo, tornem-se novamente transparentes de Deus, simbólicos. O primeiro símbolo, qual é? É a pessoa. É a comunhão do povo de Deus. É aquela história novamente de comungar pela telinha. Onde é que fica o encontro humano? Ela é simbólica de quê? Do Corpo de Cristo, do povo de Deus etc. Depois, a palavra como símbolo e não apenas como força; os elementos da natureza como os símbolos, o fogo, o ar, a terra e a água. Curioso, que na pós-modernidade, continuam sendo símbolos. O reveillon deste ano no Rio foi uma homenagem aos símbolos da natureza. E no Rio de Janeiro se dizia, no fim, que se iria fazer uma pequena homenagem aos astros. Estamos, novamente, do culto à natureza. Surgem novos símbolos que não são religiosos, mas pagãos. São a recuperação de símbolos, dos elementos da natureza. Depois, os gestos, as ações, a linguagem do corpo, toda a arte do som, da música, da cor. Usa-se muito o símbolo da beleza e da arte. O próprio espaço se vê pela cor. A vivência simbólica do tempo, não simplesmente o tempo horizontal e voraz, mas o tempo como experiência de passagem, de experiência pascal.

Site Franciscanos - *No seu livro "Comunicação litúrgica", o Sr. lamenta que no Brasil há uma defasagem entre Catequese como Iniciação Cristã, Liturgia e Vida Cristã. O que é preciso fazer para mudar esse quadro?*

Frei Alberto - Existe ali, não digo uma polêmica, mas um desafio, um confronto, entre a linha de liturgia da CNBB e a linha da catequese. E creio que, aos poucos, se está chegando ao diálogo.

E o que se conseguiu no campo da catequese, dos catequistas, foi uma grande evolução. O lugar da dimensão litúrgica e da formação litúrgica na catequese está mais ou menos claro no novo *Directório da Catequese*, que aliás, está muito bom, e teve uma boa contribuição dos liturgistas. Creio que estamos caminhando no diálogo. Mas há muito a se fazer. Por quê? Na cúpula da CNBB - teólogos, catequetas, liturgistas - , a coisa está ficando clara, mas não está chegando de jeito nenhum às bases, às paróquias, aos padres, para que todos tenham uma compreensão do casamento que deve existir entre Catequese e Liturgia. Falo no meu livro "*Os fundamentos da Sagrada Liturgia*" que na questão da liturgia na catequese distinguem-se dois aspectos: a liturgia na catequese e a catequese litúrgica. A liturgia na catequese, o que é importante? É catequese iniciática, que esteja presente no rito, na celebração, na oração e a catequese não seja simplesmente doutrinação. Não seja transmissão de doutrinas, mas seja iniciação à toda a vida cristã em todas as dimensões. Como na missionária, para levar as crianças a servir à comunidade. Você já viu um catequista ou uma catequista levar as crianças a uma missão? A visitar um doente, um hospital etc? A formação permanente, portanto, a própria iniciação à catequese é o aprofundamento da fé que vai até o fim da vida. Deve iniciar na vida litúrgica, e aí temos outro aspecto: deve iniciar na dimensão ecumênica, do diálogo inter-religioso, na dimensão sócio-transformadora. A catequese não pode ficar apenas na doutrinação e, infelizmente, numa doutrinação até mal feita. Faz tudo menos uma história da salvação. Esse é o grande problema. Portanto, a liturgia na catequese é iniciática, de vivência cristã etc. E depois uma catequese de



Está na hora de os bispos tomarem posição diante da maneira de como se está celebrando o matrimônio. Porque o que está acontecendo escapou totalmente da dimensão religiosa da Igreja.

iniciação à liturgia. Compreende aí a formação simbólica, de oração, conhecer os ritos da missa. Não só da missa, mas dos sacramentos, da vida da Igreja, do Ano Litúrgico. Está se caminhando, tem-se consciência, graças a Deus. Até há pouco tempo os catequetas começaram a se queixar que nós só víamos defeitos na catequese e só sabíamos criticar, mas aos poucos começamos a nos sentar juntos e coisa está caminhando.

Site Franciscanos - Visando preservar a dignidade do culto sagrado, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos emitiu uma Instrução que corrige abusos na celebração da Liturgia, como por exemplo, leituras não-bíblicas em lugar da Bíblia, cantos profanos, Oração Eucarística dita pela assembléia... Essas normativas estão sendo observadas?

Frei Alberto - É complicado. O problema



Entre nós, a missa solene morreu, acabou

novamente se encontra na formação litúrgica do clero, dos padres, na compreensão teológica, na compreensão do rito. Só compreendendo o rito é que vão compreender que ele, digamos, de certa maneira, demais centralizado, proposto para a Igreja, porque a Igreja é que celebra, não é? E a Igreja tem que ter uma preocupação com a autenticidade daquilo que o rito quer expressar. Então, é a grande função do magistério. Costuma-se ter certa ojeriza a isso, diria mesmo, uma falta de obediência e de comunhão - comunhão obediencial ou obediência comunional. Posso lhe dizer que há certas coisas com as quais não concordo em relação a determinados ritos, mas não vou deixar de fazer, porque tenho de viver em comunhão. Ou, então, que o rito poderia ser um pouco diferente, mas não vou ensinar que isto está errado. Vou tentar entender e, sobretudo, realizar porque é importante a comunhão. É importante compreender uma dupla função do magistério em relação à liturgia. Os ritos apresentados querem celebrar a fé. Portanto, a primeira função está na linha da ortodoxia, a

de garantir a fé que se celebra: *Lex orandi, lex credendi*. Quer dizer, a lei da oração estabelece a lei da fé. O adágio completo é *Legem credendi statuat lex orandi*: a lei da oração, a norma da oração, estabelece a norma da fé. A fé celebrada é anterior à fé refletida, teologizada. Então, a primeira intervenção e, por isso, a principal e importante é que o que se celebra tenha uma aprovação do Magistério. O que me garante que estou na verdade? Outra coisa é saber se tudo, toda a expressão, deve ser centralizada na Santa Sé. Esse é um outro problema. Por exemplo, está em vigor uma resolução, mas não sei como é que vão realizar, para que todas as Conferências Episcopais do mundo apresentem à Santa

Sé os textos de cantos usados na liturgia. Ela desconfiou e sabe que se está cantando muita bobagem, muita heresia por aí. Em cinco anos era para se fazer isso. Mas, como fazê-lo? Este é o problema. Então, acho que esse aspecto de aprovação de textos, etc, - não os essenciais, como por exemplo, as Orações eucarísticas, as fórmulas essenciais do sacramentos -, poderia ter, como existe uma Comissão de Doutrina, uma Comissão de Bispos que tome esses textos e analise. Respeitando, porém, a produção, pois é um grande valor no Brasil a produção de textos e letras de músicas litúrgicas. Coisa boa. Realmente, há um grande progresso, sobretudo ultimamente. Então, seria pena matar todo um trabalho nesta sadia criatividade. Poderia se fazer esta produção, testar etc, e depois aquilo que ficar passaria pelo crivo de uma Comissão. Penso que não deveria existir apenas uma comissão no Brasil, porque uma realidade do Nordeste é diferente do Sul, etc. Se houvesse essas comissões que fizessem uma apreciação para ver se realmente não tem bobagens, ideologias,

catequese, porque muitos cantos são catequéticos, não são litúrgicos, aí esses cantos passariam para um hinário oficial. Com aprovação e sem matar essa criatividade. Então, são esses dois aspectos: um é sobre a preocupação pela verdade, pela fé, e o segundo aspecto é disciplinar, para se conseguir uma maior comunhão. Há uma maneira de celebrar, por exemplo, no Vaticano. Em latim, para o mundo todo. Acho fantástico! Nas diversas regiões do mundo, há uma tendência de adaptação, portanto, de diferença. O centro busca a comunhão, a periferia busca a adaptação. Uma coisa é celebrar na CNBB, no Santuário de Aparecida, outra coisa é nas dioceses, nas catedrais. Uma coisa é nas paróquias, outra coisa nas comunidades, na periferia, conforme os grupos, conforme as mentalidades, conforme a cultura, assim por diante. Cada expressão, mesmo lá na periferia, é importante que manifeste essa comunhão de linguagem, porque no fundo, diria assim, o rito é a carteira de identidade do católico, das comunidades. A pessoa se identifica com a Igreja onde ela se encontra. Se o rito é muito diferente, por exemplo, vem uma pessoa do Rio a Petrópolis e encontra ritos muito diversos, ela não se sentirá bem. Há necessidade de que o rito seja familiar, conhecido, e que não seja modificado a cada hora, conforme as circunstâncias. É neste sentido que esta instrução, *Redemptionis Sacramentum*, bem entendida, é



*Canto de comunhão não é canto
de entrada, etc*

muito boa. Ela praticamente não passa daquilo que já se encontra nas Introduções dos diversos Rituais. Mas, chama a atenção para que isso seja observado. E mostra como existem distorções, desvios, desvirtuamentos.

Site Franciscanos – Por exemplo?

Frei Alberto - Por exemplo: chega-se a bater palmas toda hora. As palmas não existem no rito romano. Oportunamente, naquele lugar, naquele momento, eventualmente, se pode, criativamente, dar uma expressão batendo palmas. Mas, não pode ser uma ação ordinária, porque, neste caso, você modificaria o rito. Nesta matéria verificamos tanta coisa estranha em nome da criatividade, que chamo de criatividade arbitrária. Falo de uma sadia criatividade que deve haver na maneira de celebrar, na maneira de se adaptar ao grupo, às realidades. A sadia criatividade distingue de uma criatividade novidista. O padre, presidente, sobretudo, não é dono do rito. Ele está a serviço do rito. Enquanto não entra essa mentalidade de compreensão da Liturgia em seu sentido teológico e do rito como a linguagem dos mistérios celebrados, esses documentos que são úteis, são bons, chama atenção de certas coisas caem no vazio. Por exemplo, já está na nova instrução do *Missal Romano* que o rito da paz, o gesto da paz, seja sóbrio. Olhe, esse rito tinha se transformado num verdadeiro forró. Eu já vi coisas absurdas, coisas menos edificantes. O padre sai lá do altar de uma igreja enorme, saltitante, saúda este, saúda aquele, vai até a porta e volta correndo. Eu vi com meus olhos ele correndo... Cordeiro de Deus!...Olhe, só falta o cachorro passar lá na frente. O Cristo da refeição está abandonado; isso precisa ser revisto. Dentro de uma tal missa-show essa mudança de mentalidade não vai acontecer.

*Não devemos cair no esteticismo.
A arte pela arte, mas digo, toda a
liturgia tem que ser artística.*

Site Franciscanos - Precisa haver uma mudança de mentalidade.

Frei Alberto – Sim. O rito da paz tem três momentos: é a oração pela paz, a saudação “a paz do Senhor esteja...”, e o abraço, o gesto. Melhor do que saudação da paz, pode ser chamado cumprimento da paz. E esse é facultativo. É novamente uma distorção do rito. Não se vê no seu todo. E aí quando ele é feito de maneira efusiva e confusa, tem dois perigos: um que ele, em vez de paz, pode levar à discórdia, porque dificilmente querendo saudar a todos, todos saúdam a todos. Ou, muitas vezes, pode ser que se pule uma pessoa. Pronto. Trata-se de um gesto ritual significativo. Comunico a paz àquele que está ao meu lado, sem sair do lugar e sem me voltar para trás. Isso é feio. Sendo assim, eu saúdo aquele que eu alcanço. O segundo grande problema é que o cumprimento da paz acaba invadindo o outro rito, a fração do Pão, que vem acompanhado pelo canto do Cordeiro de Deus. Este, então, some. E é um momento muito importante: a fração do pão, o silêncio. Essa instrução chama a atenção para isso. Mas, sem formação litúrgica, não pega. Ou, então, pega legalisticamente: porque “mandou, eu faço”!

Site Franciscanos - Num artigo recente, a escritora Adélia Prado defendeu o esmero com as celebrações litúrgicas e a beleza como uma “necessidade vital”, que deve permeá-las. Disse: “têm algumas celebrações que a gente sai da igreja com vontade de procurar um lugar para rezar”. O Sr. chegou a ler este artigo? Escolhi algumas partes deste texto para o Sr. comentar.

Frei Alberto - A Adélia Prado é nossa irmã

franciscana da Ordem Terceira. Ela é uma grande poeta, poetisa do cotidiano, mas de uma profundidade humana extraordinária. Ela tem uma compreensão muito grande da arte literária. Admiro muito nela essa capacidade. Além disso, ela é profundamente religiosa, mística, uma pessoa que vive a fé. Por isso, compreendo, às vezes, que ela entre em choque entre a expressão individual, pessoal e a expressão religiosa comunitária na liturgia. E ela tem uma compreensão profunda de liturgia. Por isso, a análise dela é respeitável, quase que subscrevo 100% abaixo, sobre as suas observações. Aquele artigo, os padres deveriam ler e estudar realmente.

I – CANTO [“o canto barulhento, com instrumentos ruidosos, os microfones altíssimos, não facilita a oração, mas impede o espaço de silêncio, de serenidade contemplativa”(Adélia Prado)].

Frei Alberto - Bem, sou um músico frustrado, mas sou músico. Me formei em Canto Gregoriano e, quando terminei o Curso, aposentaram o Canto Gregoriano na Liturgia. Embora não oficialmente, mas na prática. No Brasil, sobretudo. Tenho pena, porque o canto gregoriano fala por si, é religioso por fonte, por natureza, porque ele se adapta e canta o texto. Por exemplo, esse canto da entrada do Natal: “*Puer natus est nobis...*” é muito bonito. O canto gregoriano lança no mistério, canta o texto bíblico, as antífonas, o glória, etc. Mas, o Concílio Vaticano II, embora dê apoio, valor e insista na importância do Canto Gregoriano - que continua sendo o canto próprio da Liturgia romana e por isso não foi abolido e é

incentivado que cada paróquia, cada comunidade conheça alguma coisa em gregoriano - , também, abre a possibilidade para o chamado canto religioso popular. Depois a Igreja abriu mais ainda dizendo, que os cantos próprios - entrada, oferendas, comunhão, o canto previsto no Missal, podem ser substituídos por outro adequado e em vernáculo que tenha aprovação das Conferências episcopais. E aí acho muito importante a gente ver que o canto na Missa, sobretudo, não é tudo a mesma coisa. Existe uma Instrução da Santa Sé, *Musicam Sacram*, que distingue, primeiro, o canto dialogado entre o padre, o ministro, e o povo, que é o ordinário da Missa cantado. Tudo que é dialogado pode ser cantado: Em nome do Pai, o Prefácio, as palavras da consagração, aclamação, o Pai nosso etc. Esse é o primeiro nível. O segundo é o primeiro mais aquelas partes que são chamadas as partes comuns da Missa, as que são cantadas juntos: o padre, o presidente, os ministros e o povo. Então, o Kyrie, o Glória, o Creio, o Santo e o Cordeiro. Já eram mais cantados. Por que é que se canta menos? Aí vem o problema dos folhetos, que são tiranos. Em vez de ajudar a criatividade, a matam. Porque não diz que é cantado, não se canta. É a limitação do folheto, o empobrecimento do folheto. A primeira parte, digamos o canto do sacerdote com o povo, ele caiu muito por dois motivos, que são muito sérios. O primeiro, é que custou vir a tradução, por exemplo, dos prefácios. E ainda demorou mais uma melodia apropriada para essas

*Começaram a substituir todo-poderoso por cheio de bondade.
Um Deus que não é todo-poderoso
não vale a pena.*

partes em vernáculo. Isso demorou. Os padres se acostumaram mal. O que agravou a situação é que os seminaristas não recebem mais formação musical, não sabem mais solfejar, não fazem mais solo. E só cantam o que aprendem de orelha. Com isso, praticamente o padre deixou de cantar. Nas liturgias orientais, o sacerdote é um solista. E dialoga com o povo. Entre nós, a missa solene morreu, acabou. E aí vem o terceiro nível, o próprio de cada missa: entrada, oferendas, canto de comunhão. Só. Ação de graças é posterior, é um hino de louvor e agradecimento. Ação de graças é a missa toda. O canto final não existe. O canto de cumprimento da paz não existe. O pior, sabe o que é? O povo, as comunidades só cantam essas partes próprias. E acha que Missa com canto é só isso. É cantar qualquer coisa em qualquer lugar. Em vez de cantar a Missa canta-se na Missa. O canto do próprio da Missa é secundário e não precisa ser sempre cantado. Está em terceiro nível e se tornou o primeiro e único e ainda em vez de se cantar a liturgia canta-se na liturgia. Estes cantos se caracterizam primeiramente pelo lugar na missa em que é cantado. Canto de entrada não é canto de comunhão. Canto de comunhão não é canto de entrada, etc. Depois, se distingue pelo mistério celebrado, sobretudo a entrada. Então, nós temos um canto de entrada do advento, da quaresma, do natal etc. Então, se canta a liturgia, se canta o Ano Litúrgico, se cantam os mistérios. E não qualquer coisa em qualquer lugar. Caso contrário, vira essa história do ministério de canto que vão por aí, ganham cachê para cantar nas missas. E ganham bem, mas não cantam a liturgia. Cantam qualquer coisa. É

Desde sempre a veste é o símbolo da presença de Deus.

pior ainda quanto aos instrumentos: o Concílio e depois a *Instrução Geral* insistem na soberania, vamos dizer assim, do órgão de tubos, mas permite também outros instrumentos, conforme aprovação das Conferências episcopais. Aqui no Brasil, nunca houve aprovação explícita, mas também não houve reprovação. Então, em si, nós podemos dizer que qualquer instrumento pode ser tocado. Tudo depende como é tocado. Por exemplo, o atabaque. Não é qualquer um que sabe tocar o atabaque. Tem todo um código de ritmos, de sentidos etc. E nós aqui tocamos bum, bum, bum, bum. Então, vira um show de rock. Isso aí cria o estrépito, o ruído. E não dá para rezar, porque machuca os ouvidos. Falta o silêncio.

II - SILÊNCIO

«Nós não encontramos mais em nossas igrejas o espaço do silêncio» (Adélia Prado).

Frei Alberto - A Instrução Geral insiste no silêncio. Eu escrevi um artigo no *Grande Sinal*, "O Silêncio na Liturgia", e analiso bastante esta questão: a linguagem do silêncio. Trata-se de um silêncio eloqüente, significativo. Li há pouco um livro que dizia que quem não sabe fazer silêncio, quem não sabe respeitar o tempo do rito, é incapaz de viver o mistério, é incapaz de rezar. Eu diria que o silêncio é, no fundo, uma forma de jejum.

O jejum de todos os sentidos para fazer espaço para a palavra. A *Instrução Geral sobre o Missal Romano* fala muito claramente sobre a importância

do silêncio. Oportunamente, como parte da celebração - portanto, é expressão celebrativa,

é ritual – deve-se observar o silêncio sagrado. Não um silêncio morto. A sua natureza depende do momento em que ocorre em cada celebração. Assim, no ato penitencial, após o convite à oração, cada fiel se recolhe. Após uma leitura ou a homilia, meditam brevemente o que ouviram. Após a comunhão, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração, o que não deve ser abafado nem pelo hino de louvor e agradecimento. Convém que já, antes da própria celebração, se conserve o silêncio na igreja, na sacristia, na secretaria, e mesmo nos lugares mais próximos, para que todos se preparem devotamente para realizarem os sagrados mistérios. Na liturgia da Palavra, se começa com o silêncio. Isso está faltando. Então, quanto mais barulho se faz, mais parece que está se participando ativamente. Quando Adélia Prado diz “têm algumas celebrações que a gente sai da igreja com vontade de procurar um lugar para rezar”, ela tem razão. Porque o barulho não permite a sintonia com o rito, que é mais amplo do que o barulho. Esse barulho distrai, dispersa. Com essa barulheira toda, a tentação é de a gente dizer “vamos rezar um pouco”, em vez de rezar através do canto, através da ação, do movimento, do gesto. Todo rito, todo símbolo é orante.

III - LINGUAGEM

“Nós barateamos a linguagem e o culto ficou empobrecido daquilo que é a sua própria natureza, que é a beleza (...) E está tão banalizado isso tudo nas nossas igrejas que até



o modo de falar de Deus a gente mudou. Fala-se o “Chefão”, “Aquele lá de cima”, o “Paizão”, o “Companheirão”.”(Adélia Prado)

Frei Alberto - Digo não só barateando a linguagem, mas banalizando. O Papa Pio XII já chamava a atenção para isso. Não devemos cair no esteticismo. A arte pela arte, mas digo, toda a liturgia tem que ser artística. Tem que ser estética. E toda expressão celebrativa usa da arte: arte literária, arte de ornamentação, arte do espaço, enfim, de tudo. Quando o povo faz a sua celebração, sempre busca as coisas melhores. Uma poesia, um discurso bem elaborado. O aspecto que não seja esteticismo, mas seja estético, artístico, belo. “O culto ficou empobrecido daquilo de beleza.”. Vale a pena trabalhar a Exortação Apostólica de Bento 16, *Sacramentum Caritatis*, que tem todo um capítulo sobre a beleza: A arte de celebrar. Eu me inspirei neste texto para escrever o livro “*Celebrar Bem*”. A arte da boa celebração. *Ars celebrandi*. Ele insiste

na importância da beleza. A beleza que é Cristo, o mistério pascal, o Cristo na Cruz. A beleza é Deus. Como diz um autor, “no terceiro milênio, o evangelho será anunciado pela beleza”. A beleza salvará o mundo. O *bonum et pulchrum* se fundem em Deus. O belo e bom. Essa realidade tem que estar presente em tudo que envolve a liturgia, seja no texto do canto, seja na beleza literária das orações, seja na tradução da Bíblia. E não cairmos na banalidade, numa linguagem - e pior quando se entra nesta linguagem muito intimista, muito próxima – que transforma Jesus Cristo em chefe, paizão, aquele lá de cima, o companheirão, o amigão. Era uma tendência de igualitarismo depois do Concílio. E se perdeu a distância da autoridade. Queria se acabar com o termo Deus eterno e todo-poderoso. Começaram a substituir todo-poderoso por cheio de bondade. Um Deus que não é todo-poderoso não vale a pena.

Site Franciscanos – Basta ver São Francisco, não?

Frei Alberto – Sim. Altíssimo, Onipotente. É um pouco a nivelção do transcendente com o imanente. É tudo nivelado por baixo. Isso é ruim. Aparece até dentro da celebração, no tratamento entre o presidente, representante de Cristo-Cabeça, e quer se igualar. Então: “O Senhor esteja conosco”, “abençoe-nos”, em vez de abençoe-vos. Ali o ministro é ministro, o mediador. É

O hábito não é veste litúrgica, muito menos de presidência litúrgica. O hábito é veste religiosa e tem uma mensagem do ser religioso franciscano, mas não do ser sacerdote.

Cristo. Não um amigão, o chefe. Ela tem toda a razão.

IV - O ESPAÇO SAGRADO

“Nós colocamos enfeites, cartazes para todo lado, procissão disso, procissão daquilo, procissão do ofertório, procissão da Bíblia, palmas para Jesus. São coisas que vão quebrando o ritmo. E a missa tem um ritmo, é a liturgia da Palavra, as ofertas, a consagração... então ela é inteirinha.”(Adélia Prado)

Frei Alberto - Ela tem uma compreensão bonita do rito. Na Missa temos o rito da Liturgia da Palavra, das ofertas, da consagração. Eu gostei muito deste artigo. Por exemplo, ela fala aqui da liturgia da palavra. Do rito de entrada, de disposição das coisas. O rito de escuta, o rito de resposta, um rito de consagração, um rito de bênção, de despedida e envio. Isso é beleza, é ritmo, é arte. Eu também concordo plenamente. Também os enfeites, cartazes, fazem uma verdadeira poluição. Espaço é belo. O centro deveria ser o altar. Tudo convergindo para o altar. O primeiro espaço muito bem organizado dos fiéis, de tal maneira que seja encontro, assembléia, e não um atrás do outro. E depois, o serviço a esta assembléia convocada por Deus: A presidência, que deve ser muito bem caracterizada. Através do ambão, da palavra de Deus, que serve o alimento da palavra, e do altar. Então, cronologicamente, a igreja é ponto de convergência da assembléia, que é servida por Deus, é a cadeira do celebrante, mesa da palavra, e altar. Por importância, a mesa do altar, o ambão e a presidência. E tudo isso numa harmonia, de tal maneira que todo o espaço lembre, comemore o mistério pascal. Então, as paredes, a dimensão vertical, a luz etc, digamos as imagens, afrescos,

toda essa parte ornamental da igreja, ela deve fazer respirar Deus no templo. É o santuário. E no centro desse Deus, o Cristo Senhor, na bondade do mistério pascal.

Site Franciscanos – A museóloga Maria Emilia Mattos contou numa entrevista que viu um padre cortar uma garrafa de plástico para a consagração e um dando unção dos enfermos de short. O que o sr. acha?

Frei Alberto – Considero uma avacalhação. E

Isso me machuca, quando vejo confrades, até autoridades, em momentos solenes, como, por exemplo, na inauguração da igreja e fraternidade de Colatina, simplesmente de hábito e de estola.

claro que, num caso, excepcional, lá no fim do mundo, em casos excepcionais, eu me adapto à realidade. Mas se ele vai para uma celebração, tem que levar as coisas necessárias. Se por acaso houve um esquecimento grave e a distância é muito grande, entendo e não condeno. Agora, dar a unção dos enfermos de short.... Acho que poderia ao menos vestir uma calça. Mas, isso parece antes uma falta de sensibilidade diante do sagrado. A falta de respeito diante do sagrado.

Site Franciscanos - E como deve se vestir o povo. Por exemplo, pode-se usar bermuda numa Missa?

Frei Alberto - Depende do ambiente. No caso da praia, dá para entender. É uma coisa muito interessante porque não é certamente veste de festa. Se você vai para um casamento, você não vai de bermuda. Então, é um problema de conveniência. Ali, não adianta falar sobre vestes litúrgicas sem a gente ter uma compreensão do sentido da veste para o ser humano. Em todo

o caso, o ser humano, vai além do corpo. Ele costuma cobrir o que é precioso. Não é banal. As finalidades da veste na sociedade, diria que são três: primeiro, ela é usada como defesa contra as intempéries, contra o frio, o calor, a areia; segundo, ela é usada para expressar sentimentos da alma, como alegria, tristeza. A veste é uma das mais fortes linguagens do ser humano. Aí está a moda. Depois, ele usa a veste significar uma função. Nós temos a veste, por exemplo, do advogado, do funcionário que atende?

Curiosamente ele representa o Estado. Então, ele não é qualquer um. Está investido de uma função pública. Houve uma discussão tremenda aqui no Rio no passado se no verão se poderia usar bermuda no atendimento do funcionalismo. Foi liberado, mas muita gente não aceita muito. Uma coisa é tirar a gravata, outra é a bermuda. Muito bem, por causa deste sentido da linguagem da veste, ela adquire também um sentido religioso. Desde sempre a veste é o símbolo da presença de Deus. Revestir-se de Deus. O homem que peca sente-se nu. Não mais revestido do mistério. A veste também adquire um sentido forte na linguagem religiosa. Você pode ver que todos os pagés se vestem e, em geral, usam uma veste especial, como os muçulmanos, quando vão à oração. Assim, também, na liturgia católica cristã. Nós temos as vestes que exprimem estados de alma. Aí estão as cores festivas etc e as vestes que exprimem uma função: a estola, a casula, alva. Também os fiéis deveriam sentir esta sensibilidade e que existe uma veste para

servir, uma para trabalhar, uma para o lazer, uma para o social, e outra para participar de uma festa. Enquanto não houver uma educação para a sensibilidade do sentido da veste, não adianta ficar discutindo. Hoje, infelizmente, vale tudo em relação aos paramentos. Uma coisa que insisto - e até gostaria que ficasse claro -, para mim é quase uma desobediência formal esse negócio de concelebrar de hábito simplesmente. O hábito não é veste litúrgica, muito menos de presidência litúrgica. O hábito é veste religiosa e

tem uma mensagem do ser religioso franciscano, mas não do ser sacerdote. Por isso, a Instrução chama atenção para isso e pede que os bispos intervenham onde provinciais e congregações continuam a celebrar só de hábito e estola. Isso me machuca, quando vejo confrades, até autoridades, em momentos solenes, como, por exemplo, na inauguração da igreja e fraternidade de Colatina, simplesmente de hábito e de estola. O hábito não é veste litúrgica. É veste do religioso que traz a mensagem do carisma franciscano,

até do Tau, da cruz, da penitência.

Mas não traz a mensagem da alva e estola, que é a veste do sacerdote.

A veste sacerdotal é o branco e, por isso, as toalhas do altar são brancas. A *Instrução Geral* é muito clara, ou seja, o altar deve ser coberto ao menos com uma toalha de cor branca. O pessoal não entende a linguagem do símbolo, do mistério, e acha que é besteira e continua fazendo o que subjetivamente acha mais certo.

Site Franciscanos – Importante para compor com o Ano Litúrgico.

Frei Alberto – A veste constitui uma linguagem forte. Por isso até a chamada túnica ampla que foi concedida para o Brasil, não é generalizada. Diz-se expressamente que em dias de festa, domingos, nas missas dominicais, se usem os paramentos tradicionais. O tradicional é o comum, o outro é concedido como exceção. Hoje, você quer celebrar com o paramento tradicional, não tem jeito. Está tudo encardido, amarrotado, jogado num



Eu sou acusado, às vezes, de tradicionalista, às vezes de progressista.

Posso dizer que na reflexão eu sou avançado, na busca, na inquietação, o que é liturgia etc. Agora, na prática, procuro estar em comunhão com a Igreja.

canto. Eu aqui tento ter ao menos os paramentos necessários para os dias de festa celebrar com casula. Praticamente não consigo. Então, não se deve perguntar se as vestes sagradas são necessárias. Ela convém, ela fala, ela fala de Deus, fala do religioso, do sagrado. Isso que é importante.

Site Franciscanos – O sr. poderia comentar alguns equívocos de linguagem? Como, por exemplo, cerimônia e celebração, ou homilia e sermão?

Frei Alberto - Acho interessante esta questão. Pode-se falar em cerimônia, contanto que se perceba que a cerimônia tem caráter religioso. Tanto assim que antes do Concílio, tradicionalmente, as celebrações litúrgicas se chamavam sagradas cerimônias. Cerimônia no fundo é o rito. Agora, quando se cai no ritualismo é outra coisa. São as sagradas cerimônias, os ritos sagrados. Agora, se usa mais a palavra celebração, é melhor. Nem rito, nem cerimônia, mas é melhor celebração. Pena que quando se fala cerimônia só se pensa no cerimonial. Em ritualismo.

Homilia e sermão - Isso é muito interessante. Bem entendido, até na história latina, *sermo* e homilia eram a mesma coisa, porque a homilia vem do grego, é o colóquio sobre a palavra escutada. Ao passo que o *sermo* vem do *sermocinari*, conversar, discorrer conversando. *Sermo* em latim é a palavra, o discurso como também a conversa a conversação. Significa o discurso **sobre**, a conversa sobre algum assunto. No fundo, sermão e homilia significam a mesma coisa. Apenas que, com o tempo, a palavra sermão começou a ser sinônimo de pregação religiosa e, às vezes, era chamada de prática. Curioso, não? No fundo, é um sermão,

uma meditação, um discurso sobre algum assunto religioso, mas deixou de ser homilia, porque homilia estava sempre ligada à palavra proclamada. Os beneditinos, por exemplo, durante toda a história continuaram a fazer homilia, mas os religiosos franciscanos, os padres seculares, só faziam sermão. Como se distingue? No sermão, o que importa é o tema, o conteúdo que é exposto, o objetivo a alcançar. E não se usa da palavra de Deus e nem da palavra de Deus proclamada, para fundamentar e argumentar. Nele, servem todos os argumentos, teológicos, bíblicos, filosóficos etc como argumentos para fundamentar o assunto proposto e alcançar o seu objetivo. Isso é sermão. Ele é expositivo, é quase que uma aula, um tratado.

Site Franciscanos - Por isso, Sermões de Pe. Vieira?

Frei Alberto - Isso mesmo, sermões, desvinculados da celebração. Às vezes, ele tomava um texto bíblico, mas só como gancho para tratar de um assunto. Ao passo que a homilia é deixar a Palavra de Deus falar. Ajudar a palavra de Deus a falar. Em poucas palavras, eu costumo dizer assim: na homilia, o homiliasta, o padre ajuda a Deus a encarnar a palavra nos corações dos fiéis. Ele gera a palavra e ajuda os fiéis a serem terra boa e responderem com bons frutos. Então, a homilia se distingue de aula, conferência, catequese, de assuntos teológicos, de moral, moralização ou doutrinação. Ela é contemplação da proposta de Deus na palavra proclamada e no mistério celebrado. Ela tem três pés: a palavra proclamada, o mistério e o receptor, dentro da sua realidade e da sua caminhada. E aí ela é ajudada pela ciência sociológica, a psicologia, pois a homilia tem que estar atenta ao receptor, que recebe a mensagem. Então, fundamentalmente,

hoje não deveríamos falar mais de sermão, mas de homilia. Eu creio que ainda 90% dos padres fazem sermão, quando não dizem abobrinhas.

Site Franciscanos - *Tem que haver preparação?*

Frei Alberto - Sim, com todas as técnicas da eloquência, as leis da oratória. Isso não é excluído da homilia.

Site Franciscanos - *Quem é Frei Alberto?*

Frei Alberto - É uma pessoa que tenta ser frade menor, contente e feliz na caminhada. É isso o que mais me causa alegria e felicidade. Não sem provações na caminhada, mas não faz mal, não. Rejeições, etc, tudo isso me levou ao essencial. Hoje, vaidades, posições, reconhecimentos, tudo isso é engano. O importante é o Cristo em nós, a esperança da glória. Se a gente vive na fé, na conversão permanente, na busca sempre maior de intimidade com o Senhor, na oração e no serviço, o resto é resto, o mundo pode vir abaixo.

Site Franciscanos – *O sr. é perfeccionista?*

Frei Alberto - Não me considero como tal; procuro o bom. Aprendi na vida, que se deve procurar o ótimo, mas fazer o bom. Eu sou acusado, às vezes, de tradicionalista, às vezes de progressista. Posso dizer que na reflexão eu sou avançado, na busca, na inquietação, o que é liturgia etc. Agora, na prática, procuro estar em comunhão com a Igreja. E se isto me qualifica como perfeccionista, eu não desprezo. Sou organizado e metódico no trabalho. Quer dizer, no fundo, a gente se torna ritual na vida. Isso é importante, porque a gente não perde o binário, o trilho. Você caminha. Depois, analisando um pouco sobre essa questão do método, do rito, por exemplo, se todos tivessem observado o método, o rito, não teria havido o choque do avião da Gol.

Então, o profissional é ritual. Mesmo o jornalista, ele é ritual. Se ele age atabalhoadamente, ele se perde. E nesse sentido, eu sou metódico. Então, na própria função de lecionar, escrever um livro, você organiza o tempo. Às vezes, isso pode impedir um pouco a espontaneidade do serviço da caridade. Isso eu reconheço, porque a caridade tem que ser um pouquinho mais intuitiva, momentânea e você pode ficar agarrado a um esquema etc. Isso acho que não é bom. Lembro sempre do Frei Hugolino, nosso mestre - e cada manhã me lembro disso -, dizer "os senhores, quando levantam, arrumem logo a cama, porque o dia dos senhores vai ser assim como fizeram a cama". Sim, o ser humano é ritual.

Site Franciscanos - *Além de professor, durante muitos anos o Sr. trabalhou na formação, como Mestre de Noviços. Como vê a formação religiosa hoje?*

Frei Alberto - Hoje, acho que falta a educação para a disciplina, austeridade de vida, porque sem disciplina, sem ordem, sem organização pessoal, nada funciona. E a tendência hoje é de se ir chutando as coisas. Então, cai-se na burguesia, nos prazeres, na desobediência e cada um faz o seu plano etc. E o projeto comum exige disciplina e nós, na nossa vocação franciscana, temos que fazer penitência, como um exercício permanente de conversão, de busca de Deus, de cultivo de Deus. Então, nesse sentido, é importante a disciplina. Quer dizer, a vida austera, de renúncia. Tenho dificuldade de ver essa disciplina por aí. Creio que no Noviciado a pessoa é iniciada, mas depois ela se perde... É preciso ter disciplina no horário de oração - e sem oração individual e comunitária não vai. E, no entanto, há pouca disciplina. Não esqueçamos que disciplina e discípulo têm a mesma origem. Por um lado,

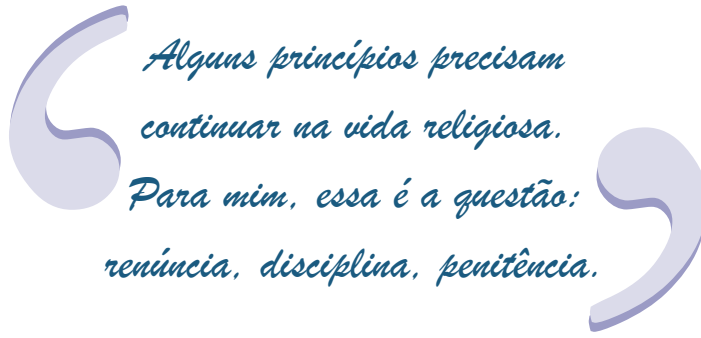
também você tem que se adaptar aos tempos, de certa maneira, mas alguns princípios precisam continuar. Para mim, essa é a questão: renúncia, disciplina, penitência. Sem isso, não vai.

Site franciscanos – O sr. poderia falar um pouco do seu último livro "Celebrar Bem"?

Frei Alberto - Este livro nasceu do caminhar da carruagem. Nesses 40 anos de caminhada, de professor de liturgia, participante de celebrações, mas sobretudo, diria assim, de uma tendência ou sensibilidade de observação. Sempre procuro entender o sentido daquilo que é proposto - eu diria que deveria ser como proposta – muito distante da prática, daquilo que se faz. E fui analisando por que, quais seriam as causas subjacentes daquilo que chamo de desvirtuamentos, distorções, na expressão autêntica e verdadeira da celebração. E por que se introduziram tantas coisas, teologicamente falando, que a gente não pode dizer que sejam expressão da liturgia. Daí fui recolhendo alguns pontos - tinha feito até uns apontamentos sobre questões a serem abordados, e já tinha encontrado uns cinco ou seis assuntos diferentes – de que gostaria de tratar. Aí, quando estive em Assis, em 2006, retomei o assunto e escrevi grande parte da matéria. Não tinha à mão toda a literatura necessária. Por isso, voltei com os pontos delineados. Chegando aqui, tentei escrever, fundamentando através de documentos da Igreja, da liturgia, da compreensão teológica, aquilo que achava importante para que a gente superasse essas distorções e desvirtuamentos e coisas às vezes completamente

contrárias à liturgia para que realmente pudéssemos celebrar a liturgia com fruto. Desta forma surgiram os diversos títulos. Primeiro, hoje devemos ter um profundo respeito à obra divina. A liturgia é obra de Deus. E como? É que Jesus deixou, no fundo, dois memoriais. O memorial testamentário para tornar-se presente como salvação de Deus, através da ação da caridade do novo Mandamento, a regra prática da fé. E deixou o memorial celebrativo ritual, que chamamos liturgia, portanto, os ritos. Só se faz memória se se celebra através de ritos. Aí vêm os sacramentos, a oração, outras celebrações dos mistérios. E se é tão importante o rito, falo sobre a natureza do rito. Porque esse é o grande problema na formação e na compreensão da Liturgia. O que é o rito, então? Nós, hoje, condenamos muitas vezes a liturgia que até o Vaticano II praticamente era compreendida como rito da Igreja. E caiu-se no ritualismo. A Liturgia era ridicularizada, tudo é rito, rito. Mas, o rito é um negócio muito sério. É aquilo que dá sentido à existência humana em Cristo. Neste livro, abordo a natureza do rito. O rito em geral, o rito religioso, o rito litúrgico. As características dos ritos litúrgicos. As fontes que dão sentido, vida ao rito. A Palavra de Deus e a história é que dão sentido ao símbolo, ao rito. Analiso, em seguida, a autenticidade de celebrações. Uma série de distorções, por exemplo, na celebração do Tríduo sagrado, o Tríduo pascal. Permanece-se

na periferia e não se vai ao centro. Por exemplo, a Vigília pascal. Na Sexta-feira Santa ou Paixão do Senhor ainda se fica na procissão do



Alguns princípios precisam continuar na vida religiosa. Para mim, essa é a questão: renúncia, disciplina, penitência.

Senhor Morto, como centro, e não na celebração da morte. A sepultura do Senhor, Vigília pascal, Páscoa da Ressurreição, Oitava da Páscoa. Falo sobre o Tempo pascal, que às vezes é suplantado pelo mês de maio com a devoção a Maria. Como valorizar o mês de maio para viver melhor o tempo pascal? O domingo do Bom Pastor, que virou domingo de orações pelas vocações, em vez de 4º domingo da Páscoa. Quaresma e Campanha da Fraternidade, Domingo da Paixão de Ramos e assim vão seguindo diversas expressões do Ano Litúrgico. Por exemplo, Epifania virou festa dos Santos Reis, Festa de Reis. Verificam-se distorções existentes nos meses temáticos: agosto, setembro, outubro. Mês vocacional, existe isso na liturgia? Não. Mas como é que essa pastoral pode ajudar a viver os domingos do mês de agosto e respectivamente, o mês de setembro como Mês da Bíblia e de outubro como Mês missionário? Dias temáticos, como integrar isso? Abordo com veemência a celebração do matrimônio. Depois, a Celebração de bênçãos, a Reconciliação, a Unção dos enfermos e algumas questões mais abrangentes sobre a missa. Ali tento mostrar como não avacalhar a missa, para usar um termo forte... Preparação da celebração, o silêncio sagrado, as vestes sagradas, o tempo da celebração, como não precipitar o rito e não espichar, não cansar. Respeito às diversas funções, o problema das intenções, espórtulas de missa, as palmas não existem, Pai-nosso de mãos dadas, celebração com símbolos, como se toda a celebração não fosse simbólica, o que entendemos? O caráter dialogal na celebração, a centralidade de Cristo na celebração, a unidade de todos na celebração, a igreja como santuário, celebrar com criatividade. Depois passo a própria missa, analisando a autenticidade de ritos diversos na Celebração da eucaristia. A

entrada, o evangeliário, reverências, saudação ao altar, a posição das mãos do celebrante, segurar o microfone – digo: o braço do padre não é apoio de microfone, pois quebra toda estética, toda beleza;- o lugar da presidência, o Senhor esteja “conosco”, o ato penitencial, o oremos, a liturgia da palavra, a homilia, a recitação do Símbolo, preparação da mesa do Senhor. Abordo longamente o rito da apresentação dos dons, que é uma verdadeira bagunça; se fazem quatro ou cinco coisas ao mesmo tempo e não se vive nenhuma. Depois, a Oração eucarística, a oração final etc. Analiso cada rito e cada gesto, mostrando o seu significado. Depois, passo para a autenticidade de ritos em outras celebrações: imposição das cinzas, unção do santo óleo após o batismo, imposição das mãos no sacramento da Reconciliação, sinais nas celebrações de bênçãos e sinais abundantes em todas as celebrações litúrgicas. Aquela história do óleo na Unção dos enfermos. Usa-se aquela tecazinha de três andares, em que não cabe nada, cheia de algodão, vazia de óleo e com bastante azinhavre. Então, na hora você tem que colocar o dedo ali, precisa olhar contra a luz para ver se brilha um pouco garantindo que a unção seja válida. A abundância da água, a abundância do pão e do vinho, para que o sinal seja significativo. A partir da experiência daquilo que a gente viveu, participou, celebrou, assistiu, observou durante esses anos, acho que através do livro *Celebrar Bem* estou tentando ajudar o clero a entrar um pouco mais no sentido do mistério da celebração.

ALBERTO BECKHÄUSER

Possui doutorado em Teologia - Pontificium Athanaeum Sancti Anselmi de Urbe (1967). Atualmente é professor titular do Instituto Teológico Franciscano e - REB. Revista Eclesiástica Brasileira . Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia da Liturgia.

FORMAÇÃO ACADÊMICA/TITULAÇÃO

1964 - 1967

Doutorado em Teologia.

Pontificium Athanaeum Sancti Anselmi de Urbe, ITA, Itália.

Título: O martírio, luta vitoriosa com Cristo. Contribuição ao estudo da linguagem militar no Sacramentário Veronense.,

Ano de Obtenção: 2002.

Orientador: Basílio Studer.

Palavras-chave: Martírio; Conceito de martírio; Linguagem militar na Liturgia; Culto dos Santos; Inculturação da Liturgia.

MEMBRO DE CORPO EDITORIAL

1990 - Atual

Periódico: REB. Revista Eclesiástica Brasileira

ÁREAS DE ATUAÇÃO

1. **Grande área:** Ciências Humanas / **Área:** Teologia / **Subárea:** Teologia da Liturgia.
2. **Grande área:** Ciências Humanas / **Área:** Teologia / **Subárea:** Teologia da Liturgia / **Especialidade:** Penitência e unção dos enfermos.
3. **Grande área:** Ciências Humanas / **Área:** Teologia / **Subárea:** Teologia da Liturgia / **Especialidade:** Ano Litúrgico e Liturgia das Horas.

INFORMAÇÕES RELEVANTES

Coordenador de traduções de textos litúrgicos da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Nesta função, coordenou a tradução da Bíblia para a liturgia para o vernáculo; a montagem, diagramação e revisão da 2ª edição do Missal Romano em Português para o Brasil; a edição da Liturgia das Horas em quatro volumes; a edição da Liturgia das Horas em volume único; a edição do Lecionário para a missa em 3 volumes ; a 2ª edição típica de outros rituais das Ordenações e do Matrimônio.

Palestras proferidas em Eventos:

- 1- Religiosidade/piedade popular no Documento de Aparecida: Avaliação crítica, desafios litúrgicos e pastorais, Contribuição na Semana Santa Teológica do ITF, PUC e Instituto Paulo IV de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 23-25/10/2007, 18 laudas.
 - 2- Visão geral sobre Religiosidade/Piedade popular e Liturgia e Liturgia na tradição Católica brasileira, Palestra apresentada na 19ª Assembléia Geral da ASLI (Associação dos Liturgistas do Brasil), Campos do Jordão, SP, 28-31/01/2008, 19 Laudas.
 - 3- Pensamento e Orientação do Magistério sobre Religiosidade/Piedade popular e Liturgia, Palestra apresentada na 19ª Assembléia Geral da ASLI, Campos do Jordão, SP, 28-31/01/2008, 18 laudas.
 - 4- O espaço sagrado na Liturgia, Contribuição para a Comissão Diocesana de Arte Sacra e Patrimônio da Diocese de Petrópolis, RJ, 2008, 8 laudas.
 - 5- A renovação da Sagrada Liturgia do Vaticano II, à luz da Sacrosanctum Concilium: Um histórico da Renovação conciliar a partir da expressão "ad normam Sanctorum Patrum", Palestra aos Abades e Abadessas beneditinos do Brasil, Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro, 28/04/2008, 8 laudas.
 - 6- A renovação da Sagrada Liturgia do Vaticano II à luz da Sacrosanctum Concilium: O conceito de Liturgia em seus aspectos bíblico, teológico e espiritual, Palestra aos Abades e Abadessas beneditinos do Brasil, Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro, 28/04/2008, 8 laudas..
- Produção bibliográfica

ARTIGOS COMPLETOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS

1. BECKHÄUSER, A. . A natureza da homilia à luz da Sacrosanctum Concilium. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 68, p. 140-150, 2008.
2. BECKHÄUSER, A. . Canonização de Frei Galvão. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 67, p. 397-408, 2008.
3. BECKHÄUSER, A. . Devorar o livro. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 68, p. 151-161, 2008.
4. BECKHÄUSER, A. . O silêncio na Sagrada Liturgia (I). Grande Sinal (Petrópolis), v. 61, p. 273-284, 2007.
5. BECKHÄUSER, A. . O silêncio na Sagrada Liturgia (II). Grande Sinal (Petrópolis), v. 61, p. 409-418, 2007.
6. BECKHÄUSER, A. . A água enfoque litúrgico. Revista Franciscana, v. 04, p. 52-57, 2004.
7. BECKHÄUSER, A. . Espiritualidade e mística da presidência litúrgica. Rhema (Juiz de Fora), v. VII, p. 43-59, 2001.
8. BECKHÄUSER, A. . Os símbolos do mistério da pobreza na vida consagrada, à luz de Francisco e Clara de Assis. Grande Sinal (Petrópolis), v. 54, p. 183-199, 2000.
9. BECKHÄUSER, A. . Análise de certos fenômenos "religiosos" à luz da Sagrada Liturgia. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 59, p. 618-643, 1999.
10. BECKHÄUSER, A. . Uma revista de espiritualidade. Grande Sinal (Petrópolis), v. 50, p. 715-724, 1996.
11. BECKHÄUSER, A. . A liturgia das horas, caminho de santidade. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 55, p. 788-814, 1995.
12. BECKHÄUSER, A. . O pão de Santo Antonio. Grande Sinal (Petrópolis), v. 49, p. 189-203, 1995.
13. BECKHÄUSER, A. . Os santuários e sua espiritualidade. Grande Sinal (Petrópolis), v. 48, p. 283-291, 1994.
14. BECKHÄUSER, A. . Espiritualidade litúrgica. Grande Sinal (Petrópolis), v. 47, p. 707-719, 1993.
15. BECKHÄUSER, A. . A espiritualidade do advento. Grande Sinal (Petrópolis), v. 46, p. 645-654, 1992.
16. BECKHÄUSER, A. . Os jovens, fonte de espiritualidade pascal para todos. Grande Sinal (Petrópolis), v. 46, p. 135-147, 1992.
17. BECKHÄUSER, A. . Sacrosanctum Concilium: Celebração do Mistério de Cristo e da Igreja a 20 anos do Vaticano II. Convergência (Rio de Janeiro), v. 22, p. 281-295, 1987.
18. BECKHÄUSER, A. . A identidade da liturgia na atual caminhada libertadora da Igreja. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 47, p. 578-600, 1987.
19. BECKHÄUSER, A. . O novo ritual de bênçãos. Grande Sinal (Petrópolis), v. 41, p. 517-528, 1987.
20. BECKHÄUSER, A. . Quaresma, Liturgia e Campanha da Fraternidade. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 46, p. 814-822, 1986.
21. BECKHÄUSER, A. . A Liturgia popular da Semana Santa. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 45, p. 63-78, 1985.
22. BECKHÄUSER, A. . Liturgia das horas, páscoa de Cristo e da igreja. Grande Sinal (Petrópolis), v. 39, p. 173-185, 1985.
23. BECKHÄUSER, A. . Os salmos na liturgia das horas. Grande Sinal (Petrópolis), v. 39, p. 672-692, 1985.
24. BECKHÄUSER, A. . Vivei em ação de graças. Grande Sinal (Petrópolis), v. 39, p. 745-755, 1985.
25. BECKHÄUSER, A. . A liturgia das horas. Grande Sinal (Petrópolis), v. 38, p. 645-655, 1984.
26. BECKHÄUSER, A. . A função dos coroinhas, ou ministradores. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 34, p. 137-139, 1974.
27. BECKHÄUSER, A. . As Riquezas do Novo Missal. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 33, p. 418-425, 1973.
28. BECKHÄUSER, A. . Hermenêutica e Liturgia. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 32, p. 568-580, 1972.
29. BECKHÄUSER, A. . Considerações sobre o novo "Breviário". REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 31, p. 360-369, 1971.
30. BECKHÄUSER, A. . Impasses da Renovação Litúrgica. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 31, p. 655-667, 1971.
31. BECKHÄUSER, A. . Impasses da renovação litúrgica. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 31, p. 655-667, 1971.
32. BECKHÄUSER, A. . Princípios orientadores para a construção de novas Igrejas. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 30, p. 112-116, 1970.
33. BECKHÄUSER, A. . Os santuários, manifestações do mistério de Cristo. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 30, p. 392-395, 1970.

34. BECKHÄUSER, A. . Diretrizes oficiais na aplicação da Reforma Litúrgica. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 30, p. 364-369, 1970.
35. BECKHÄUSER, A. . Diretrizes oficiais na aplicação da Reforma Litúrgica. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 30, p. 641-647, 1970.
36. BECKHÄUSER, A. . Diretrizes oficiais na aplicação da reforma litúrgica. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 30, p. 641-647, 1970.
37. BECKHÄUSER, A. . Diretrizes oficiais na aplicação da reforma litúrgica. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 30, p. 364-396, 1970.
38. BECKHÄUSER, A. . Os santuários: manifestações do mistério de Cristo. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 30, p. 392-395, 1970.
39. BECKHÄUSER, A. . A vocação cristã para a oração comunitária. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 29, p. 607-621, 1969.
40. BECKHÄUSER, A. . A vocação cristã para a oração comunitária. REB. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 29, p. 607-621, 1969.

LIVROS PUBLICADOS/ORGANIZADOS OU EDIÇÕES

1. BECKHÄUSER, A. . Religiosidade e piedade popular, santuários e romarias: desafios litúrgicos e pastorais. Petrópolis: Vozes, 2007. 207 p.
2. BECKHÄUSER, A. . Vida pascal cristã e seus símbolos. Petrópolis: Vozes, 2006. 111 p.
3. BECKHÄUSER, A. . Coroa de Advento: história, simbolismo e celebrações. Petrópolis: Vozes, 2006. 108 p.
4. BECKHÄUSER, A. . Cantar a Liturgia. Petrópolis: Vozes, 2004. 94 p.
5. BECKHÄUSER, A. . Os fundamentos da Sagrada Liturgia. Petrópolis: Vozes, 2004. 327 p.
6. BECKHÄUSER, A. . Livro de orações do cristão católico. Petrópolis: Vozes, 2004. 519 p.
7. KOLLING, M. T. ; Prim, J. L. ; BECKHÄUSER, A. . Cantos e orações: para a liturgia da missa, celebrações e encontros.. Petrópolis: Vozes, 2004. 391 p.
8. BECKHÄUSER, A. (Org.) . Instrução geral sobre o Missal Romano. (Apresentação de Alberto Beckhäuser). Petrópolis: Vozes, 2004. 167 p.
9. BECKHÄUSER, A. . Viver o Ano Litúrgico: Reflexões para os domingos e solenidades. Petrópolis: Vozes, 2003. 320 p.
10. BECKHÄUSER, A. . Comunicação Litúrgica: presidência, homilia, meios eletrônicos. Petrópolis: Vozes, 2003. 83 p.
11. BECKHÄUSER, A. . Ernesto Beckhäuser: A vida de um homem honrado. Petrópolis: Vozes, 2003. 147 p.
12. BECKHÄUSER, A. . Igreja Católica. Congregação do Culto Divino e a Disciplina do sacramento. Instrução geral sobre o Missal Romano. Apresentação de Alberto Beckhäuser. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 167 p.
13. BECKHÄUSER, A. . O martírio, luta vitoriosa com Cristo. Contribuição ao estudo da linguagem militar no Sacramentário Veronense.. Petrópolis: Vozes, 2002. 120 p.
14. BECKHÄUSER, A. . Novas mudanças na missa.. Petrópolis: Vozes, 2002. 83 p.
15. BECKHÄUSER, A. . Meu Deus e meu tudo - Mensagem de São Francisco de Assis aos fiéis penitentes. Petrópolis: Vozes, 2001. 117 p.
16. BECKHÄUSER, A. . Celebrar a vida cristã: formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão.. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 292 p.
17. BECKHÄUSER, A. . Os sacramentos na vida diária. Petrópolis: Vozes, 1998.
18. BECKHÄUSER, A. . Rezar a vida e viver a oração. Pequeno tratado sobre a oração cristã.. Petrópolis: Vozes, 1997.
19. BECKHÄUSER, A. . Comentário espiritual a regra da Ordem Franciscana Secular. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 141 p.
20. BECKHÄUSER, A. . O sentido da Liturgia das Horas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 105 p.
21. BECKHÄUSER, A. . O sentido da Liturgia das Horas. Petrópolis: Vozes, 1995. 105 p.
22. BECKHÄUSER, A. . Santo Antônio através de suas imagens. Petrópolis: Vozes, 1995.
23. BECKHÄUSER, A. . A Liturgia da missa: teologia e espiritualidade da Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 1993.
24. BECKHÄUSER, A. . Símbolos de natal. Petrópolis: Vozes, 1992.
25. BECKHÄUSER, A. . Viver em Cristo. Espiritualidade do Ano Litúrgico. Petrópolis: Vozes, 1992.
26. BECKHÄUSER, A. . Comentário espiritual à Regra da Ordem Franciscana Secular. Petrópolis: Vozes, 1990.

27. BECKHÄUSER, A. . Concílio Vaticano II: A liturgia 25 anos depois.. Petrópolis: Vozes, 1989.
28. BECKHÄUSER, A. . A liturgia da missa. Teologia e espiritualidade da eucaristia.. Petrópolis: Vozes, 1988.
29. BECKHÄUSER, A. . Rezar em comunidade. Petrópolis: Vozes, 1985.
30. BECKHÄUSER, A. . Celebrar a vida Cristã. Petrópolis: Vozes, 1984. 292 p.
31. BECKHÄUSER, A. ; HILLESHEIM, S. L. ; MAZZUCO FILHO, V. . Devocionário franciscano. Petrópolis: Vozes, 1981. 639 p.
32. BECKHÄUSER, A. . Símbolos Litúrgicos. Petrópolis: Vozes, 1976.
33. BECKHÄUSER, A. . Devocionário da Família Franciscana. Petrópolis: Vozes, 1976.
34. BECKHÄUSER, A. . Celebração da Palavra de Deus para o dia das mães. Petrópolis: Vozes, 1972. 35 p.

CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS

1. BECKHÄUSER, A. . Liturgia na vida da Igreja. In: Estudos da CNBB. (Org.). A Sagrada Liturgia 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2003, v. , p. 76-87.
2. BECKHÄUSER, A. . Os livros litúrgicos em vernáculo no Brasil. Memória de complicado processo. In: José Arioaldo da Silva; Marcelino Sivinski. (Org.). Liturgia. Um direito do povo. Petrópolis: Vozes, 2001, v., p. 64-95.
3. BECKHÄUSER, A. . A renovação litúrgica no Brasil. In: Marcelo Ferreira de Andrade. (Org.). Editora Vozes 100 anos de história. Petrópoli: Vozes, 2001, v. , p. 336-347.
4. BECKHÄUSER, A. . A Homilia à luz da Sagrada Escritura. In: Hackmann, Geraldo L. B... (Org.). Sub Umbris Fideliter. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, v. , p. 11-39.
5. BECKHÄUSER, A. . Francisco e a comunhão com toda criatura. In: Alberto da Silva Moreira. (Org.). Herança Franciscana. Petrópolis: Vozes, 1996, v. , p. 199-217.
6. BECKHÄUSER, A. . Meditação Franciscana. In: Raimundo Cintra. (Org.). Mergulho no Absoluto. São Paulo: Paulinas, 1982, v. , p. 143-154.
7. BECKHÄUSER, A. . São Francisco e a oração. In: Clarêncio Neotti. (Org.). Irmão Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1975, v. , p. 135-155.
8. BECKHÄUSER, A. . Teologia e espiritualidade do Sacramento da Confirmação. In: Almir Ribeiro Guimarães. (Org.). O Espírito Santo: Pessoa, Presença, Atuação.. Petrópolis: Vozes, 1973, v. , p. 126-144.
9. BECKHÄUSER, A. . Comentário à peregrinação de Etérea. Peregrinação de Etérea. Liturgia e Catequese em Jerusalém no século IV. Petrópolis: Vozes, 1971, v. , p. 16-32.

DEMAIS TIPOS DE PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

1. BECKHÄUSER, A. . Presbiteral. Petrópolis: Vozes, 2007 (Organização).
2. BECKHÄUSER, A. ; Prim, J. L. ; KOLLING, M. T. . Cantos e Orações. Para a Liturgia da Missa, Celebrações e Encontros. Petrópolis: Vozes, 2004 (Parceria).
3. Anônimo ; BECKHÄUSER, A. . Peregrinação de Etéria. Petrópolis: Vozes, 2004 (Comentário).
4. Igreja Católica ; BECKHÄUSER, A. . Apresentação em: Instrução geral sobre o Missal Romano. Petrópolis, 2004. (Prefácio, Pós-fácio/Apresentação).
5. BECKHÄUSER, A. . Prefácio. Belo Horizonte, 2004. (Prefácio, Pós-fácio/Prefácio).
6. BECKHÄUSER, A. ; NICOLAO, E. . Devocionário da Família Franciscana. Petrópolis: Família Franciscana do Brasil, 1985 (Plano em colaboração com Edi Nicolao).
7. Conferência Franciscana Brasileira ; BECKHÄUSER, A. . Ordem dos Frades Menores. Conselho Plenário da Ordem. Celebrar e tornar Presente. Conselho Missionário Internacional.. Petrópolis: Vozes, 1981 (Cordenação).
8. Fontes da Catequese 13 ; BECKHÄUSER, A. . Leo I. Sermões sobre santos, jejuns e ordenação episcopal. Petrópolis: Vozes, 1978 (Introdução).
9. BECKHÄUSER, A. ; Fontes da Catequese 13 . Leo I. Sermões sobre as coletas, a quaresma e o jejum de Pentecostes. (Introdução de Alberto Beckhäuser). Petrópolis: Vozes, 1977 (Introdução).